



PREFÁCIO

O propósito do Livro “Os Desafios Contemporâneos” é tornar disponível a pastores, missionários e cristãos vocacionados uma obra do século 21 que reflita a melhor cultura da tradição cristã no âmbito missional. O projeto deste livro visa tornar essa Teologia Missional mais acessível a um público mais amplo, a fim de auxiliá-lo na compreensão e na proclamação do Evangelho (sendo palavra de Deus “em missão”).

O escritor deste livro, além de ser erudito na tradição cristã, no ensino de missão e na formação de missionários, tem também um interesse especial na piedade, o que é importantíssimo. A tarefa é comunicar claramente o consenso crítico e o amplo alcance de outras vozes confiáveis que já comentaram acerca do papel missionário em ambiente transcultural pela ótica das Escrituras e da experiência de campo. Embora a cultura e a contribuição eruditas para a compreensão das Escrituras sejam as principais preocupações deste livro, este não tem como objetivo ser um diálogo acadêmico entre a comunidade erudita — mas auxiliar a Igreja que estar “em Cristo”.

O objetivo geral deste projeto literário é tornar disponível à Igreja e ao seu serviço, os frutos do trabalho dos missionários que são comprometidos com a fé cristã e o avanço do reino de Deus.

A estrutura e a organização deste livro procuram facilitar o estudo do texto de uma forma sistemática e temática. O estudo do livro começa com uma Introdução, que fornece uma visão panorâmica de autoria, vida, doutrina, providência, público-alvo, ocasião, propósito, questões sociológicas, antropológicas e culturais, história textual, características e citações literárias, questões hermenêuticas e temas necessários para entender-se o livro. O livro também inclui uma lista de referências bibliográficas de autores renomados (piedosos), e outros



autores comprometidos com as Escrituras e com ampla experiência em Teologia Missional.

A missão é que Jesus chamou seus discípulos para uma grande obra sobre a terra; houve até uma ocasião em que Ele mandou os que queriam ser discípulos trabalharem em outro lugar, visto que, queriam seguir a Jesus como os discípulos a quem Jesus havia chamado. E, imaginem em qual lugar Jesus ordenou que esses homens fossem trabalhar como discípulos?

“Jesus não o permitiu (que esses o seguissem em missão como a dos Doze), mas disse: — “Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você” (cf. Marcos 5:19).

Isso mesmo, em suas famílias, em seus lares – talvez Jesus não te chamou para desbravar o mundo com o Evangelho, mas deixou este texto (e esta pequena passagem, quase imperceptível) em meios aos exorcismos, tempestades, poderes, etc., para que saiba que você pode cuidar da sua família em termos missionais. Ou seja, pelo mundo, ou dentro da sua casa, Ele será glorificado por sua obediência não por seus “grandes” feitos em nações longínquas, o que Deus quer da sua Igreja é apenas obediência — leia o texto: — “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15), mas leia também: — “Porquanto, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da Igreja de Deus?” (1 Timóteo 3:5); sabendo que tanto no mundo, quanto na sua família, há criaturas, há almas.

Ao participarmos “em Cristo” pela fé, participamos da comunidade divina. João 17:20 – 26 é difícil de ler, pois os pronomes nos tomam de surpresa. “Eu neles e vós em mim [...]”, diz Jesus, e esperamos que Ele continue: — “vós neles”; mas, com efeito, Ele diz: — “vós em mim” (João 17:23). Em João 17:21 Jesus diz ao Pai: — “Tu estás em



mim e eu em ti”. Essa é a vida de interpenetração (pericorética) das pessoas da Trindade e Missão. Contudo, em João 17:23, Jesus está nos discípulos e o Pai está em Jesus. Então, nossa participação “em Cristo” significa participação na Trindade e em Missão. Compartilhamos da vida trinitariana. O Pai nos ama com o mesmo amor com que ama o Filho (João 17:24) — somos parte da família — O Pai é nosso Pai. O Filho é nosso Irmão. O Espírito Santo habita em nós interpenetrando nosso ser. Deste modo, a Trindade deverá ser nosso modelo enquanto integramos o ‘um’ como parte de ‘um todo’ e as outras pessoas como parte desse ‘um’, que somos nós, assim também iremos interpenetrar uns aos outros sendo corpo de Cristo, como diz a Escritura, “assim também nós, embora muitos, somos um só corpo “em Cristo”, e cada membro está ligado a todos os outros” (Romanos 12:5).

Concebemo-nos primeiramente como muitos indivíduos, para então, projetar tal concepção sobre Deus na Igreja, fazendo-o à nossa própria imagem (o que é idolatria), enquanto Deus que se faz muitos ao preço de sua unidade. Conseguimos conceber um Pai, um Filho e um Espírito, mas não Pai, Filho e Espírito como um Único Ser, que de fato é. Enquanto a Igreja não conhecer de fato a Deus, ela andarà perdida de um lado para outro criando um “triteísmo funcional”, e conseqüentemente, “missão funcional”; desse modo, Igrejas funcionam como grupos de indivíduos ao invés de comunidades interdependentes, se tornam autossuficientes ao invés de possuírem conscientemente união interpessoal, haverá apenas reciclagem — fluxo migratório de pessoas — de denominações e falsas conversões em campo, em eventos para todos os tempos, todos os temas e para todas as horas, porém, não para ensinar quem Deus é — um Deus Triúno que salva em missão, mas, como uma espécie de paliativo, calmante e amenizador da própria realidade (e para esses mesmos crentes migratórios e falsos). Mas isso não é a idéia de Igreja “em missão”, como comunidade onde Cristo habita; esta geração falhou



radicalmente em conceber três deuses como único, e não quer, recusa-se a consertar-se diante de Deus abandonando a idolatria e depravação de seus corações — que vejo por todos os lados — talvez Deus “os entregou a esse pecado” (Romanos 1:18 – 32); a verdade encontra-se em João 17:23, justamente na oração de Jesus por seus discípulos como antídoto, tal passagem ensina-nos que Jesus está nos discípulos e o Pai está em Jesus. Nossa participação “em Cristo” significa participação na Trindade — compartilhamos da vida trinitariana — foi desse modo, que a Igreja sempre prosperou (cf. Atos 2:1) como comunidade missional — ser unânime, ter consentimento mútuo, estar de acordo, ter unidade no grupo, ter uma opinião e objetivo de salvar almas. Os discípulos tinham unanimidade intelectual, harmonia emocional, e consentimento volitivo na Igreja recém-fundada. Em cada uma de suas ocorrências, reunidos “homothumadon” (v. 1) mostra uma harmonia que leva a missão, assim como Deus fez para salvar a sua Igreja; devemos fazer exatamente assim; ou não conseguiremos fazer absolutamente nada. Reduzimos a idéia de sermos um no Espírito para a concepção da simples colaboração de união institucional (Romanos 12:5).

Esse livro ajudará a Igreja a entender muito sobre missão — “A obediência a palavra de Deus, deve ser mantida como base da verdadeira religião, do contrário, caracteriza-se em falsa religião”.

Plínio Sousa, Reitor do Instituto Reformado Santo Evangelho, Pastor da Igreja Reformada Santo Evangelho e Editor da Editora Reformada Santo Evangelho.